

Ciberespaço: novas formas da interação social

*Tamara Tania Cohen Egler**

Resumo. O ciberespaço se constitui em novas formas da comunicação que transformam e ampliam a interação entre os homens. O objetivo de nossa reflexão foi compreender como a comunicação transforma relações de produção e troca e muda as formas do espaço. O desenvolvimento da análise procura identificar as transformações em curso, que regem as relações que definem as novas formas da produção, apropriação e gestão dos espaços. O núcleo central da formulação está na relação conhecimento e ação, quando o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e informação pode capacitar as nações a produzir, acumular e difundir o conhecimento o que conduz para uma ação de indivíduos inteligentes que escrevem o desenvolvimento social.

Palavras-chave. Comunicação, produção do espaço, ciberespaço, informatização, interação social.

Na contemporaneidade, a comunicação penetra na grande maioria dos domínios da vida econômica e social. Trata-se de um intenso movimento de tecnologização dos processos de produção e troca de objetos e relações sociais que resultam em profundas transformações da ordem espaço-temporal das nações.

Os estudos sobre o espaço são classicamente compreendidos no âmbito de um lugar analítico que na sua forma mais abstrata compreende o espaço como lugar de dimensão tridimensional composto de objetos e relações sociais. Ali condensam-se formas físicas edificadas que abrigam processos de organização da produção, circulação e troca que são socialmente e desigualmente apropriados.

As diferentes etapas do movimento de transformação da sociedade resultam em formas específicas de urbanização, onde para cada momento

* Tamara Tania Cohen Egler é professora do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisadora do CNPq.

histórico vamos ter um processo específico de organização da produção econômica e apropriação social. A história da urbanização é escrita a partir de um olhar que compreende as transformações econômicas que se plasmam na produção do espaço. Para cada momento histórico, uma determinada formação do território, nessa ordem se sucedem as cidades: colonial, mercantil, e industrial.

A transformação da sociedade, do capital e do trabalho para a sociedade da comunicação coloca uma série de novas indagações: Quais são as transformações em curso, dadas pela crescente tecnologização que rege as novas formas do espaço na sociedade brasileira? Existe um ciberespaço?

Podemos dizer que o espaço informacional não corresponde às formas acadêmicas de pensar. Mas estamos próximo de novas relações que deverão definir as transformações nas sociedades contemporâneas. (Miège, 1995)

A ação comunicacional pode ser lida como a forma de expressão das nações. A cultura é o patrimônio acumulado de saberes e a comunicação é a capacidade de ampliar a sua difusão. Podemos observar na história que o desenvolvimento da humanidade está associado à sua capacidade de expressão. A fala, a escrita e a imprensa fazem as marcas da transformação histórica (Levy, 1992). Quanto maior a capacidade de acumulação de saberes e mais ampla a sua difusão, vamos encontrar mais possibilidades para o poder social

A crescente informatização da sociedade produz mutações que podem ser observadas nas novas relações espaço-temporais. A invenção das novas tecnologias conduz a novas relações desterritorializadas e destemporalizadas. O essencial desta análise demonstra que formas materiais são substituídas por processos imateriais, onde o tempo é abolido e são alteradas as necessidades espaciais, pela instantaneidade da comunicação informatizada (Santos, 1996).

A transformação das relações espaço-temporais têm efeitos sobre as formas de produção do espaço. A tecnologização da economia, sociedade e território esta alterando profundamente a lógica da produção, apropriação e troca o que transforma a natureza da constituição espacial. Com essa reflexão estamos querendo dizer que a passagem de uma sociedade ancorada na realização do trabalho, para uma sociedade onde o núcleo central está fundado na comunicação, constitui novas possibilidades de interação para a produção, circulação e troca.

A comunicação amplia a interação entre empresas, instituições e sujeitos sociais, na medida em que publiciza processos e procedimentos e reduz a entropia, a desordem e a incerteza. Ao estabelecer maior interação, amplia as possibilidades de compreensão que conduz a práticas sociais mais interativas. É uma forma de tornar a complexidade social mais aberta, mais

clara para poder ser lida pelos indivíduos para que venham a agir mais facilmente no complexo de oportunidades e responsabilidades que compõem o sistema social.

O essencial dessa formulação é que a comunicação transforma formas de pensar fechadas em formas de pensar abertas. Ela elimina a entropia e abre os sistemas de informação, de onde se depreende que é chegada a hora de se abrir o conhecimento e transformar uma sociedade fechada em uma sociedade aberta. (Miège, 1995)

As transformações na sociedade da comunicação incidem sobre elementos centrais dos processos espaciais. O nosso objetivo é entender as relações que se estabelecem entre a ampliação dos meios de comunicação e as formas espaciais. Trata-se de refletir sobre as novas formas do espaço que se estabelecem nas infovias do mundo cibernético. Para distinguir as formas espaciais da sociedade industrial das formas espaciais da sociedade da comunicação, podemos referenciar objetos e idéias.

São gerados espaços para criar o cenário das relações sociais, lugares onde se realizam os processos econômicos e sociais, onde o pensamento é expresso pela fala e se conduzem as ações dos homens. O advento de novas tecnologias que difundem o pensamento através de desenvolvimento de técnicas simbólicas e intelectuais pode ser considerado o fato responsável pela criação dos novos espaços de comunicação. A transformação da sociedade do trabalho em sociedade da comunicação conduz a uma nova noção de espaço, associada à capacidade de comunicação que amplia a interação entre os homens.

São novas formas espaciais que não substituem as anteriores. A interação via rede transforma as relações internas de produção, quando observamos novas necessidades na constituição de espaços materializados e de localização. As transformações na ordem da circulação e da troca são definitivas, na medida em que são substituídas relações monetárias por outras informacionais. O acesso a bens e serviços passa por uma ordem em que o saber antecipa as escolhas e está associado à capacidade de lidar com os espaços informacionais. Profundas transformações nas necessidades espaciais podem ser lidas em objetos e idéias.

Para pensar essas relações podemos decompor nosso objeto de análise em três elementos associados ao processo de produção, de apropriação e de autodeterminação, inscritos nas formas espaciais. Trata-se portanto de refletir sobre as relações que se estabelecem entre o espaço composto de objetos e de idéias, nos domínios das esferas delimitadas.

Estamos convencidos que a ampliação da comunicação via rede deverá alterar as formas de produção do processo espacial. Refletir em torno desse movimento que se inicia na sociedade brasileira, é olhar para o futuro, tentando

se apropriar processos de transformação em curso e seus efeitos sobre as formas espaciais.

COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

O espaço é um conceito teórico e abstrato que deve ser distinguido das formas históricas de sua concretização. Esse plano analítico permite que se compreendam as diferentes formas de sua concretude histórica: para cada período, uma forma de constituição das espacialidades. Nesse plano, o processo de urbanização emerge como a forma de constituição do espaço na sociedade industrial. (Santos, 1994)

O primórdio do processo de industrialização/urbanização capitalista é compreendido como condição necessária ao desenvolvimento da produção, onde as interações entre as diferentes unidades, poderiam compartilhar das mesmas condições externas necessárias ao desenvolvimento das atividades fabris. O núcleo central da urbanização é a condição de localização territorial. Estar ao lado é compartilhar do mesmo processo espacial que cria a ecologia própria ao desenvolvimento das atividades fabris.

Os estudos sobre as formas de produção dos espaço urbano estiveram associados à economia marxista, onde o espaço foi analisado como o resultado de um processo de produção industrial resultante da interação dos diferentes capitais que se voltavam para a produção de mercadorias. O urbano foi lido na sua instância econômica, como o lugar onde se realizava a produção, circulação, troca e consumo. A estrutura analítica é dada pela lógica da produção de mercadorias capitalistas. Os conceitos e fundamentos da economia marxista se constituem nos instrumentos analíticos para explicar o processo urbano. Fundamentalmente, a proposta é compreender a lógica do processo de produção da materialidade urbana, lida a partir da lógica de acumulação do capital. Estruturas materiais e processos econômicos se combinam na explicação da produção capitalista do espaço urbano.

A passagem de uma sociedade do trabalho para a sociedade da comunicação altera a compreensão do espaço. Este se transforma em uma noção de lugar onde a interação se realiza através da comunicação. No lugar da proximidade espacial vamos encontrar a interação pela comunicação. Nessa direção, atividades que anteriormente requeriam formas materiais são substituídas por relações informacionais. Na sociedade da comunicação, o espaço é interação informacional, formado pelos elementos que compõem a comunicação. As implicações desse movimento sobre a espacialidade nos permitem pensar que a ampliação da interação humana por rede, tende a substituir edifícios por informação eletrônica.

É conhecida a importância da imagem nas formas da comunicação contemporânea. No lugar de processos de construção do espaço, temos produções imagéticas no espaço cibernético. O espaço está inscrito nas estruturas informatizadas das novas formas de representação, nas estruturas de navegação multimidiática, nas infovias, no mundo cibernético. É um novo espaço e sua forma está em elaboração, constitui-se em uma reunião de diferentes linguagens: informática, imagética e textual. (Egler, 1996)

É uma nova espacialidade que altera as formas e os processos da cidade material. Podemos observar que as novas tecnologias produzem instantaneidades, eliminam a importância da localização, alteram os padrões centralmente organizados e reduzem as necessidades espaciais. A proximidade espacial, que está associada à necessidade da troca de informações e da tomada de decisão entre os membros que participam de um processo de trabalho, é substituída pela interação via rede.

As relações entre as diferentes instâncias do processo econômico alteram-se na medida em que as relações gerais são substituídas por relações parciais. Mais claramente: o processo de urbanização que estava ancorado na divisão técnica do trabalho está agora associado à proximidade das relações espaciais.

A informatização da economia altera as bases dessa formulação. Não se trata mais de ocupar o mesmo espaço. O fundamento da constituição de espaços cibernéticos está na capacidade de colocar em disponibilidade processos de comunicação e informação que ampliam a interação eliminando intermediações. A condição da localização material se dissolve para dar lugar à interação comunicativa.

Essa mudança na interação pode ser lida, por exemplo, no sistema bancário de prestação de serviços. Onde observamos alterações nas relações entre banco e correntistas. A tecnologização dos fluxos monetários produz novas relações onde são abolidos os caixas e a operação passa a ser realizada pelo usuário via rede. Isso quer dizer que ao realizar a operação, o usuário está eliminando a necessidade do caixa, e com ele, de todo um sistema material de agências bancárias. Com isso são substituídos edifícios por tecnologia informática.

Essa leitura pode ser feita também sobre, por exemplo, a alteração das formas de organização e controle do trabalho que reestrutura as formas de localização das empresas. O trabalho a domicílio, interconectado em rede, que responde a novas formas das relações capital/trabalho, tem como decorrência a redução das necessidades espaciais. Ainda nesse mesmo exemplo, a instantaneidade da comunicação reduz, tempos e processos de trabalho. A tecnologização da vida cotidiana conduz a alterações nas relações entre o indivíduo, o tempo e o espaço.

Dessa forma podemos dividir as condições de realização espacial em duas compreensões: uma primeira, material, necessidades de infra-estrutura; e uma segunda, informática, necessidade de interação comunicacional. O que se dissolve é a localização, porque para qualquer uma dessas condições ela não é importante. O lugar para a realização da atividade pode ser qualquer um no mundo, basta que tenha infra-estrutura mecânica e informática.

As implicações dessa relação incidem sobre a lógica do processo de produção econômica e sobre as formas de constituição do espaço. No nível da produção material as decisões relativas à localização das unidades fabris passam a se realizar através de outras condicionantes que não a localização, como custos operacionais, na sua maioria salariais. Dessa forma, podemos observar uma nova lógica, na organização da produção, onde a base territorial, passa à ser secundária frente às novas condicionantes da produção que se mundializa.

No espaço intra-urbano podemos observar que a nova ordem produz uma alteração na lógica de apropriação da renda fundiária e do ganho imobiliário, na medida em que se altera a lógica da proximidade espacial e altera a realização da renda diferencial no solo urbano.

Se a localização territorial já não interfere sobre a lógica dos preços de produção de mercadorias e suas conseqüências sobre a formação de rendas diferenciais, essa condição altera a formação da renda da terra e de sua apropriação, bem como a formação dos preços da terra urbana, o que conduz a uma nova dinâmica de estruturação do espaço urbano. Não seria demais pensar que num futuro próximo a renda da terra tenda a se organizar a partir de novos condicionantes, não materiais. O essencial da análise é que a nova ordem da localização altera a lógica de instalação das unidades fabris, muda a estratégia de localização e produz transformações na produção do espaço material.

A produção do espaço comunicacional está associada a uma nova lógica, onde a relação é informacional. Navegar no ciberespaço é observar a multiplicidade de lugares, processos, oportunidades de vida, de trabalho, de lazer, que se sucedem na tela do vídeo. A relação do sujeito com o espaço se altera, o sujeito percorre o espaço sentado na sua mesa de trabalho, trata-se de uma relação acorporal que inverte a interação sujeito/espaço.

Estar na cidade é percorrer sucessivamente diferentes espacialidades tridimensionais da nossa realidade cotidiana. Percorrer os espaços da cidade é estar num lugar, encontrar uma pessoa, realizar um processo, experimentar fatos materiais que se sucedem na nossa percepção do mundo construído. O ciberespaço se realiza através de imagens, textos e linguagem informacional. Navegar no mundo imaterial é percorrer um conjunto de informações que qualificam a nossa relação com o mundo de oportunidades e processos.

A informação é o veio condutor da relação imaterial. O ciberespaço é informacional, imaterial e acorporal.(Egler, 1996) Sua produção depende de um conjunto de conhecimentos de informática, criatividade imagética e organização da informação, que realiza as possibilidades de navegação no espaço infinito da rede. Estamos diante de um novo mundo onde as múltiplas possibilidades de sua produção apenas se iniciam. O espaço na rede é essa superposição de sítios que podemos acessar através de um endereço eletrônico, que nos coloca em contato direto com uma informação que realiza a multiplicidade de processos de saber, de trabalho, de mercado, de lazer, na mesma instância do ciberespaço.

Trata-se de um espaço que multiplica as possibilidades de estar no mundo. O espaço cibernético tem a propensão de operar articulações entre as diferentes instituições, empresas, organizações sociais que compõem a rede. Trata-se de um espaço que permite transversalidades e a interação entre distintos campos. Todos os sítios se sucedem na tela, não há distinções. Amplia as possibilidades de acesso dos sujeitos sociais ao conjunto das instituições e processos que compõem a rede.

Nessa sociedade cibernética tudo está por ser feito. A cada dia que passa, são pensados, criados e implantados numerosos processos que estão transformando o mundo em todas as suas esferas, na educação, na política, na vida cultural, informacional, nos serviços públicos e na vida privada. Trata-se de uma passagem irrevogável e irreversível que deverá transformar profundamente a ordem econômica, social e territorial das nações. (Nora, 1995) Os efeitos sobre as formas de organização do território e da construção intraurbana são desconhecidos, mas podemos imaginar que estamos num novo mundo que certamente deverá acompanhar um movimento profundo de transformação de sua ordem espacial.

INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E DOMINAÇÃO

A questão proposta é refletir sobre os efeitos do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação sobre o processo social. Na literatura podemos identificar duas correntes analíticas, uma primeira que valoriza seus efeitos e lhe atribui potencialidades para o desenvolvimento social e uma segunda que questiona as possibilidades enunciadas e compreende seus efeitos como uma ampliação das desigualdades sociais.

A primeira formulação observa que a nova base técnica vem para ampliar a acessibilidade a um conjunto de informações, que coloca em disponibilidade o conhecimento socialmente produzido, que facilita a troca entre os homens, mundializa as relações aproximando as diferentes culturas e que é um

movimento que realiza a transformação social através da informação. (Ianni, 1996; Miège, 1995; Levy, 1996; Lojkine, 1995)

A segunda questiona seu potencial transformador indicando novas estruturas de dominação que se realiza através da esfera simbólica, que conduz as ações dos sujeitos através da subordinação do desejo a uma vontade que lhes é estranha, que subordina a cultura à esfera do capital mundializado, e que aniquila as condições da criatividade do lugar quando se amordaça o indivíduo a ritmos e processos impróprios ao tempo da vida cotidiana. A crítica se inscreve na ampliação da desigualdade social acentuada pelo maior ou menor acesso aos meios de informação e comunicação. (Santos, 1992, 1994; Ribeiro, 1992, 1993; Sódre, 1992)

O essencial da questão pode ser enunciado através da teoria que entende que as práticas sociais são resultantes de um sistema cognitivo. Esse enunciado nos remete a Hanna Arendt (1994) que desenvolve sua teoria no seio da análise em que a compreensão antecede a ação, sendo o conhecimento dado pelo senso comum ou pela instituição científica elemento que antecede e precede a ação. Quando as sociedades podem ser lidas através de um conjunto de saberes que foram condensados ao longo de seu desenvolvimento social e cultural.

As relações entre o indivíduo e o social estão em pauta, na medida em que se compreende que a manutenção e transformação do social resultam da ação inteligente de indivíduos, compreendida como as atividades cognitivas dos sujeitos singulares.

Nessa compreensão, os meios de comunicação interpretam um papel fundamental, na medida em que eles podem ser agentes estimuladores desse conhecimento. O debate se desenvolve então na autonomia desse conhecimento, onde a subordinação e a liberdade passam a ser elementos dessa análise.

A análise que sublinha as formas da dominação observa as relações que se estabelecem no mundo globalizado, onde estão presentes países desenvolvidos e subdesenvolvidos e onde se veicula a venda de produtos, valores, gostos, gestos e atitudes que modificam a dinâmica sócio-cultural local. Os países desenvolvidos emitem as mensagens e os subdesenvolvidos são receptores. Aí se estabelece uma relação de dominação que se realiza agora através de canais de comunicação. A igualdade na emissão e recepção passa a ser pauta para a convivência das nações globalizadas. (Miège, 1995)

Podemos ler outros autores que reconhecem que a multiplicidade e diversidade das culturas podem ser expressas através dos meios de comunicação, sendo possível também pensar em formas de interação que são resultantes dos encontros entre nações e que se desdobram em formas de

desenvolvimento social. É o caso, por exemplo, da cooperação internacional para produtos culturais, ou ainda para o desenvolvimento científico.

É clássica a análise que desenha o cenário das relações interpessoais e interinstitucionais, onde a dominação é dada pela emissão de mensagens que impõem ao indivíduo um desejo que lhe é exterior, resultante da emissão de mensagens que estimulam a aquisição de mercadorias ou conduzem a práticas sociais onde se dissolve a condição cidadã. Esse olhar está associado à compreensão dos meios de comunicação que emitem através de um canal que irradia para o conjunto da sociedade. Na relação emissão/recepção a fala é enunciada unilateralmente através de um discurso subordinador aos desígnios do outro, quando se realiza a dominação. (Sodré 1992, Kehl, 1991)

O desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação que se consolidam através da imagem digital e da irradiação por rede, conduz a alterações profundas nas relações de dominação porque elas estabelecem novas relações ancoradas na interatividade, onde se iguala a condição de emissão e recepção e pode-se conduzir a relações autodeterminadas. A diferença entre a televisão e a rede é exatamente essa: amplia-se a possibilidade de interpretar o papel de produtor e consumidor de informações, eliminam-se hierarquias e alcança-se horizontalidade nas relações.

A QUESTÃO EM PAUTA É: QUEM DOMINA QUEM?

Para pensar as relações de dominação dadas pelo advento de novas tecnologia Milton Santos escreve sobre o meio técnico-científico que conduz a novas relações entre o global e o lugar. Estamos pois diante de dois movimentos: um primeiro que mundializa, e um segundo que singulariza. O primeiro está inscrito no mundo digital, da instataneidade temporal e do espaço global. O segundo está na materialidade espacial, esfera cultural, relações pessoais e vida cotidiana. Para Milton Santos, o processo de globalização conduz a uma homogeneização que aniquila a cultura local, onde as novas formas da resistência devem acontecer na luta pela manutenção da cultura do lugar.

Essa dimensão do mundo da vida, lida tanto por Habermas quanto por Lefèbvre, é compreendida como o espaço da vida cotidiana. É ali que se realizam as múltiplas relações de troca de informação e conhecimento, nos microdomínios da vida cotidiana. É o espaço singular do cidadão, onde acontece a multiplicidade de processos de ordem cultural, que constituem os veios condutores da formação da vontade coletiva e da estrutura dos valores da sociedade. É o lugar da vida cotidiana cidadã, onde se manifesta a existência dos homens, onde se realizam as diferenças de modos de vida e onde são

reconhecidos os direitos ao espaço. É nessa esfera que vamos encontrar os elementos fundantes para realizar a abordagem revolucionária da vida cotidiana lida por Lefèbvre.

São os espaços onde existem tradição, conteúdos e culturas comuns que se compartilham. É ali onde se dá a estrutura dos valores que se reproduzem e formam as personalidades dos indivíduos, das tradições e conteúdos que são compartilhados pelas comunidades. É a formação dos sujeitos sociais que conduz a um determinado sentimento de identidade e ação de solidariedade, na compreensão habermasiana. É a importância da noção do singular que se antepõe ao geral, global.

As novas tecnologias ampliam a conectividade mundial e nacional permitindo novas formas espaciais e, por outro lado, aproximam o cidadão do seu lugar. Estamos pois diante de dois processos: um que responde a um espaço mundial, nacional que pode ampliar as condições de vida e de trabalho, e um segundo que é local, que realiza as possibilidades cidadãs em nível do lugar.

A economia, a política e a educação mudam. São colocados em disponibilidade processos que permitem uma maior acessibilidade a toda informação que possibilita uma maior interação dos sujeitos com a ordem econômica e institucional da sociedade. Mas o essencial é a nova forma de acessibilidade que se realiza através da conectividade mundial (Aftel, 1996) Trata-se de uma profunda alteração da ordem espacial que iguala a acessibilidade espacial a espaços mundiais.

Na literatura sobre o tema vamos encontrar esses dois posicionamentos, um primeiro que reconhece as potencialidades da cibersociedade, e um segundo que questiona suas formas de socialização. Para nós, o advento das novas tecnologias é um fato real, que está produzindo profundas transformações na base da estrutura social. Não se trata de negar, mas de reconhecer sua importância e estabelecer estratégias que resultem na ampliação de sua socialização. São duas esferas que não se substituem mas que se combinam num mesmo movimento de singularização e globalização, formando um todo das novas relações no tempo e no espaço da sociedade informacional.

COMUNICAÇÃO, TÉCNICA E SOCIEDADE

Nesse cenário analítico trata-se de compreender as relações que se estabelecem entre desenvolvimento técnico e social. Esta questão conduz à reflexão sobre os efeitos do desenvolvimento dos meios técnicos e das formas de apropriação social. Trata-se de indagar sobre as possibilidades de desenvolvimento social, resultantes de uma ação ancorada em meios técnicos.

No quadro de nossa análise essa relação pode ser lida nos efeitos do desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e informação sobre a sociedade. Em outros termos, a tecnologização da vida cotidiana poderá alterar as formas de desigualdade social?

O debate sobre as relações entre técnica e sociedade é secular. A possibilidade de se compreender de forma linear essa relação já foi afastada pelo desdobramento do processo histórico e pelos estudos clássicos das ciências sociais. O desenvolvimento técnico não conduz necessariamente a formas mais igualitárias de apropriação social. O que se observa é uma esfera técnica descolada do processo social.

Entretanto, o advento de tecnologias de comunicação e informação produz a possibilidade de se colocar em disponibilidade um conjunto de informações originadas da complexidade social, que tornam possível a acessibilidade ao conhecimento. Inverte-se a reflexão e a questão a ser debatida é a capacidade de se criar um elo entre funcionamento e apropriação social. Trata-se de interrogar para quem se realiza a apropriação do conhecimento?

Para responder a essa indagação podemos desenvolver nossa análise a partir do processo social em si. Para tanto, podemos eleger dois elementos analíticos, o primeiro, associado à disponibilidade de equipamentos e o segundo às formas de sua utilização. O fato concreto é que o Brasil conta atualmente com uma base de 6,5 milhões de computadores pessoais. No triênio 94/96, o mercado apresentou taxas de crescimento de 35%, 32%, e 51%. Em 1998 a produção deverá alcançar 2 milhões de unidades. O preço do computador caiu de R\$1700,00 para R\$ 1478,00. Foram comercializados, no espaço de três dias, mais de 300.000 computadores; o Ministério da Educação está informatizando as escolas públicas e aí instalando 100.000 computadores. No país existe hoje o dobro de unidades que existiam em 1995. São 20 milhões de pessoas que trabalham com computadores. (Internet, junho de 1998) A mais recente pesquisa sobre a Internet no Brasil, mostra que nos últimos seis meses o número de usuários que acessaram a Internet é de 1,6 milhões em nove capitais pesquisadas (JB 1/6/98).

Trata-se de uma inovação técnica que penetra em todas as estruturas do processo social, desde as formas de organização da produção e do trabalho, de difusão e irradiação da informação, de sociabilidade, de vida familiar e inclusive de relações afetivas. Em poucos anos a sociedade incorpora o uso de computadores e reinventa processos e procedimentos. Para avaliar a apropriação social é preciso compreender a inovação tecnológica inscrita na história da sociedade.

A ampliação da comunicação humana transforma a interação entre os sujeitos, altera práticas sociais e redefine processos de integração e exclusão social. Atenta às novas formas Ribeiro compreende que sua definição passa pela inserção nas novas estruturas informatizadas, onde o sujeito que dispõe de equipamentos e conhecimento técnico pode participar de novas estruturas de trabalho, realização de trocas e de apropriação do conhecimento. (Ribeiro, 1995)

No espaço da cidade industrial foi possível compreender as relações de exclusão, dadas a partir da renda familiar e da localização do sujeito na estrutura urbana. Os estudos sobre a dimensão social do espaço demonstram, como é possível observar, uma correspondência entre a renda familiar, o lugar da habitação e as condições de exclusão do mundo material e do processo social.

No espaço virtual novas formas de exclusão e inclusão são definidas pelo acesso às novas tecnologias de informação e comunicação como, por exemplo, dispor de um equipamento e de uma linha telefônica que permitem a conexão com o mundo virtual, onde estão as possibilidades de acessar novas condições de vida e de trabalho.

O nosso objetivo é refletir sobre as novas condições de sociabilidade dadas pelas novas tecnologias de comunicação. Isto não quer dizer que as condições de exclusão da materialidade espacial não estejam perdurando, elas se mantêm mas a complexidade do fato metropolitano é tão ampla que a inclusão pode se realizar pela informação.

Essa compreensão está associada à análise sobre as condições de uso da materialidade urbana que indicam apenas uma das facetas da cidadania. A condição de integração vai além das formas de produção do espaço, e insere-se na acessibilidade aos processos sociais. É por essa razão que a informação e o saber lidar com ela se constituem num novo dado do processo de realização da cidadania.

Cada vez mais a interação do processo social faz-se intermediar pela ação da imagem virtual. O indivíduo, defronte da tela do computador e através das redes, pode acessar um conjunto de dados que o colocam em comunicação imediata com um grande leque de trocas materiais, de apropriação de processos culturais, de saber científico e de trabalho.

Colocar em disponibilidade um conjunto de informações referentes às mais variadas possibilidades de organização da vida cotidiana aproxima o sujeito social do objeto de sua necessidade. Isso quer dizer que o advento de novas tecnologias de informação e comunicação permite uma maior interação do sujeito com o objeto de sua escolha. Hoje é possível adquirir músicas,

livros, imagens, através da rede, em um movimento que elimina intermediações. As novas tecnologias estreitam as relações entre produtores e consumidores, o que amplia as condições de acessibilidade. (Miège, 1995)

Existem portanto duas formas de pensar sobre a questão da exclusão: uma primeira associada às formas materiais e econômicas e, uma segunda, aos processos imaginários ancorados em relações identitárias, culturais de acessibilidade aos processos do conhecimento e da cultura. A condição cidadã se realiza através do sentimento de pertencer ao lugar, de fazer parte daquela comunidade. Na cidade material essa relação se realiza espacialmente, nos lugares da materialidade construída, no ciberespaço o pertencimento se realiza através da interação com a informação.

Por exemplo, a possibilidade de ler o jornal diariamente, para a maior parte da população brasileira, esteve sempre associada ao fato de dispor do jornal e do dinheiro. Nos mais longínquos lugares essa possibilidade não existia. Nem o jornal, nem o dinheiro. A conectividade da rede permite que se acesse a informação diária, instantaneamente, a um custo baixo, menor que uma carta de correio. Esse é apenas um exemplo de um conjunto de processos que podem ampliar a participação da população para um conjunto imensurável de processos econômicos, políticos e sociais.

Sabemos bem que o desenvolvimento da técnica em si não garante a acessibilidade social. Mas se observarmos a história vamos ler que não há uma instantaneidade na apropriação. Ela se realiza ao longo do tempo assim foi com o rádio, a televisão e hoje com o computador.

Emerge uma nova compreensão política das formas de organização social. Se os movimentos sociais urbanos do período de 70/80 estavam inclusos em reivindicações de caráter material, como luta por melhores condições de habitação, transportes e infra-estrutura de saneamento básico, a contemporaneidade conduz a novas necessidades, inscritas em esferas de natureza simbólica. As novas formas da resistência estão, portanto, dadas no acesso aos meios de informação e comunicação, e constituem novas formas de luta para a inclusão social. (Ribeiro, 1993)

O essencial desta reflexão é compreender que o desenvolvimento dado pelas novas tecnologias de informação e comunicação vai além das potencialidades da técnica em si e se inscreve na história das sociedades, onde a igualdade no acesso à informação depende de uma ordem social que se realiza na esfera política. Mais simplesmente, a história da sociedade é escrita a partir da ação dos sujeitos e as conquistas são resultantes das lutas que se realizam na esfera da ação política.

COMUNICAÇÃO E SUJEITO SOCIAL

A ampliação da acessibilidade à informação coloca à disposição da sociedade um conjunto de informações que podem socializar o conhecimento. São alteradas as relações público/privado, porque é ampliada a acessibilidade aos processos internos das instituições, tornando claro para a sociedade processos, procedimentos, possibilidades e responsabilidades.

O essencial de nossa reflexão é pensar em estruturas de ação social associadas à ação comunicativa. Para tanto trata-se de substituir formas de controle e dominação por estruturas de desvendamento do processo social. No lugar de dominar o mundo, desvendar o mundo. Assim, podemos pensar novas formas de práticas sociais que estão ancoradas em formas de comunicação e interação. (Habermas, 1986)

A concepção de uma sociedade centralmente organizada, com rígida divisão do trabalho, onde o processo de gestão se realiza através da ação de técnicos especializados, conduz à divulgação do saber por meio de revistas científicas, livros e outros meios impressos de circulação restrita. Trata-se da produção e da difusão de um saber produzido por especialistas e para especialistas. A ação é daqueles que comandam o processo, nesse caso os técnicos e o Estado. A mudança das formas de pensar, das formas de organização social, em que se valoriza a ação do sujeito social e se reconhece a importância da difusão da informação, redefine as relações entre Estado, sociedade e capital. O essencial da análise é implicar o sujeito social na construção das condições de sua própria existência. Nesta nova concepção, a informação passa a ser o elemento de apoio à ação desse sujeito.

Nessa direção, a informação é uma necessidade cotidiana, indispensável aos cidadãos em múltiplos atos da vida. Portanto, é responsabilidade das instituições públicas e privadas e das organizações sociais tornar a informação disponível para o conjunto da sociedade.

Um outro elemento de análise é compreender as mudanças em curso nas sociedades contemporâneas, nas quais as formas da comunicação guardam pouca relação com as tradições do pensamento científico e observam uma estreita relação com as ações sociais. A ação comunicativa incide sobre as necessidades cotidianas da vida social. Esta nova condição muda as circunstâncias de produção da informação e da comunicação, bem como de sua transmissão. (Miège, 1995)

O essencial da análise é redefinir as relações de interlocução, quando se compreende que é necessário socializar a informação para além dos limites estritos das instituições. Disponibilizar a informação é eliminar a entropia das instituições, quando o essencial do movimento é transformar sistemas fechados em abertos. (Miège, 1995)

Estabelecer canais de comunicação significa estabelecer uma relação entre a estrutura dos valores de uma sociedade e suas formas de ação. É no interior dessa relação que compreendemos a importância da difusão da informação. A proposição é colocar em disponibilidade um conjunto de informações capazes de ancorar uma prática que seja produzida pelo sujeito social.

Para Sfetz (1988), o social é o resultado da ação inteligente dos indivíduos. Para manter suas instituições sociais e promover sua transformação o papel do conhecimento é fundante. A informação em si não conduz necessariamente ao conhecimento mas certamente é um dos seus elementos. Todos têm direito a conhecer. A possibilidade de singularizar o conhecimento cria uma ecologia cognitiva que ancora as práticas sociais.

Trata-se de agir sobre os espaços do cidadão e produzir uma ecologia cognitiva na sociedade em que se vive, no sentido de alcançar uma forma de estar completo que permita ao sujeito produzir e usufruir da vida civilizada. Uma ação onde a transformação das desigualdades sociais passa por uma intervenção de ampliação da acessibilidade social. Esse é o fundamento da análise que contempla um movimento que valoriza as formas de apropriação social, onde a informação, e a comunicação, portanto, são o fundamento dessa orientação.

ABSTRACT

Cyberspace establishes new forms of communication which transform and amplify interaction between men. The purpose of our thought was to identify how communication transforms relations of production and exchange and transforms the forms of space. The development of this analysis attempts to identify the current transformations that govern the relations which define the new mode of production and appropriation of spaces. The central nucleus of that formula is in the relation between knowledge and action, when the development of new technologies of communication and information capacitates the nations to produce, accumulate and propagate knowledge, leading to the action of intelligent individuals who conduct social development.

RÉSUMÉ

Le ciberespace constitue des nouvelles formes de communication qui transforment et amplifient l'interaction entre les hommes. L'objectif de notre réflexion est de comprendre comment la communication transforme les relations de production, d'échange et de transformation des formes de l'espace. Le développement

de l'analyse cherche a identifier les transformmations en cours, qui regissent les relations qui expliquent les nouvelles formes de production et appropriation des espaces. Le principal de l' analyse est dans la relation savoir et action, où le développement de nouvelles tecnologies de communication et informations donnent la capacité aux nations de produire, d 'accumuler et de propager le savoir, qui conduit à l'action des individus qui ecrivent le développement social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, Hanna (1993) *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Aftel (1995) *Internet, les enjeux pour la France*. Paris: Ajour.
- Egler, Tamara Tania Cohen (1997) "Espaço e difusão do conhecimento", *1º Encontro de Editoria Científica em Estudos Urbanos e Regionais*. Itamontes.
- _____ (1996) "Cidade virtual", *Estado de São Paulo: Caderno Especial*, outubro.
- _____ (1995) "Educar para a Cidade: ação comunicativa e planejamento". *XIX Encontro Anual da ANPOCS*.
- Habermas, Jurgen (1987) "A nova intransparência. A crise do bem estar social e o esgotamento de energias utópicas". *Novos estudos Cebrap*, nº 18.
- Harvey, David (1992) *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola.
- Ianni, Octávio (1996) "Cidade e modernidade". *Seminário Espaço e tempo: inovações tecnológicas na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: IPPUR/ANPUR.
- Kehl, Maria Rita (1991) "Imaginar e Pensar" in Novaes, Adauto, *Rede Imaginária, Televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lefèbrvre, Henri (1969) *Introdução à modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Levy, Pierre. (1993) *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____ (1995) *Q'uest-ce que le virtuel?* Paris: Sciences et société, Editions de la Découverte.
- Miège, Bernard (1995) *La pensée communicationnelle*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Nora, D (1996) *Les conquerants du cybermonde*. Paris: Calmann-Levy.
- Palácios, Marcos (1996) "Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço: apontamentos para a discussão". *O indivíduo e a mídia*. Rio de Janeiro: Diadorim.
- Randolph, Randolph (1994) "Gestão comunicativa versus gestão participativa: novas formas de responsabilidade política ou velhas irresponsabilidade". *XVIII Encontro Nacional da ANPOCS*, Caxambú.
- Ribeiro, Ana Clara Torres (1993) "Mutações na sociedade brasileira: seletividade em atualizações técnicas" in Santos Milton e alli. *O novo mapa do mundo*. São Paulo: Hucitec, ANPUR.

Santos, Milton (1994) *Técnica, espaço e tempo. Globalização e meio ambiente, científico informacional*. São Paulo: Hucitec.

_____ (1996) Palestra proferida no Seminário *Espaço e tempo: inovações tecnológicas na vida metropolitana*. Rio de Janeiro: ANPUR/IPPUR.

Sfetz, Lucien (1988) *Critique de la communication*. Paris: Le Seuil.

Sodré, Muniz (1992) *O social irradiado*. São Paulo: Cortez.